



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 04, art. 6, p. 108-127, abr. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.4.6>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



MIAR



## Gravidez na Adolescência e Conciliação da Maternidade com a Vida Escolar

### Pregnancy in Adolescence and Conciliation of Maternity with School Life

**Josiane Peres Gonçalves**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: [josianeperes7@hotmail.com](mailto:josianeperes7@hotmail.com)

---

**Endereço: Josiane Peres Gonçalves**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cidade  
Universitária, Av. Costa e Silva - Pioneiros, MS, 79070-  
900 Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

**Artigo recebido em 23/03/2021. Última versão  
recebida em 01/04/2021. Aprovado em 02/04/2021.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade investigar e analisar a questão da gravidez na adolescência, a conciliação da maternidade com a vida escolar e como a escola lida com essa realidade. A coleta de dados foi realizada mediante a gravação de entrevistas com uma adolescente grávida, duas adolescentes que já eram mães e dois gestores de escolas públicas. Os resultados apontam que as adolescentes conheciam e/ou até utilizavam métodos contraceptivos, mas acabaram por engravidar, mesmo tendo acesso às informações. A escola procurava acolher as estudantes, inclusive dando roupas para os bebês, e conscientizando os demais estudantes para não discriminar e assim evitar a desistência das adolescentes grávidas ou que tiveram filhos.

**Palavras-chave:** Mães Adolescentes. Educação Sexual. Escola. Gênero.

## ABSTRACT

This research aims to investigate and analyze the issue of teenage pregnancy, the reconciliation of motherhood with school life and how the school deals with this reality. Data collection was performed by recording interviews with a pregnant adolescent, two adolescents who were already mothers and two public school managers. The results of which indicate that the adolescents knew and / or even used contraceptive methods, but eventually became pregnant, even having access to the information. The school sought to welcome students, including giving clothes to babies, and making other students aware not to discriminate so as to avoid giving up pregnant or child-bearing adolescents.

**Keywords:** Adolescent Mothers. Sex Education. School. Genre.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual vem passando por diversas transformações, a cada dia a tecnologia tem se desenvolvido e se tornado acessível a um número cada vez maior de pessoas. Nesse cenário, alguns assuntos relativos à sexualidade, que historicamente foram ocultados de crianças e adolescentes, ultrapassaram as esferas familiares e na atualidade se fazem presentes na televisão, na internet, nas rodas de conversas e também na escola. Assim, foi necessário que a escola se posicionasse para lidar com tal situação, buscando discutir as informações junto aos alunos e alunas de forma a educá-los, diferentemente das tecnologias que muitas vezes acabam influenciando de maneira negativa, por propagar diferentes formas de informações, sejam elas educativas ou não.

Diante da necessidade de abordar discussões relativas à educação sexual em âmbito escolar, na década de 1990 o Ministério da Educação (MEC) publicou os Parâmetros Curriculares da Educação para o Ensino Fundamental (PCNs), sendo que um deles referia-se à sexualidade (BRASIL, 1998). Duas décadas se passaram e o que se percebe nas escolas é que essa temática não pode ser muito abordada, inclusive entre os adolescentes, apesar de muitos deles já vivenciarem práticas sexuais precocemente.

Devido a essa iniciação sexual precoce, por parte dos adolescentes, muitas vezes acaba ocorrendo a gravidez indesejada que costuma resultar em problemas, principalmente para as meninas, visto que há preconceitos relacionados a questões de gênero, quando uma adolescente aparece grávida no espaço escolar.

Assim, cabe questionar: Como a escola lida com a questão da educação sexual e com casos de gravidez na adolescência em Naviraí – MS? Para melhor entender essa realidade, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar e analisar a questão da gravidez na adolescência, a conciliação da maternidade com a vida escolar, questões de gênero e como a escola lida com essa realidade no município de Naviraí – MS. Os resultados da pesquisa, bem como a análise do referencial teórico são apresentados na sequência.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A fase da adolescência

A adolescência é uma fase repleta de conflitos, que vai além da mudança corporal, visto que diversos acontecimentos ao mesmo tempo biológicos, psicológicos e sociais trazem um sentimento de insegurança e desequilíbrio para as adolescentes, visto que se encontram em um período transitório, por terem deixado de ser criança, mas ainda não adquiriram a identidade adulta. Assim, “[...] a adolescência é a idade da mudança, como implica a própria etimologia, da palavra: *adolescere* em latim significa ‘crescer’” (MARCELLI; BRACONNIER 1989, p. 21). Portanto, corresponde ao período de crescimento acelerado entre a infância e a maturidade.

Diante desse contexto de transição, as pessoas que são responsáveis pela educação dos adolescentes, tanto na esfera familiar, no caso dos pais, quanto na esfera escolar, a cargo dos professores, precisam também se adaptar a essa nova realidade. Mas quando se inicia a fase da adolescência? Embora podendo variar de uma pessoa para outra e sendo mais precoce entre as meninas (GONÇALVES, 2016), no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece em seu Art. 2º, que a adolescência corresponde à faixa etária de 12 a 18 anos de idade. Em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade, como é o caso dos Art. 121 e 142 da referida lei (BRASIL, 1990).

Para Ferreira (2003), a adolescência pode ser dividida em três fases: a) pré-adolescência ou adolescência menor em torno dos 11 a 13 anos para as meninas, e 12 a 14 anos para os meninos. Essa fase é fortemente marcada por mudanças corporais e um aumento de energia voltada principalmente para a sexualidade gerando muita curiosidade; b) adolescência média em torno dos 13 aos 15 anos para as meninas e 14 aos 16 anos para os meninos, em que há uma maturação sexual e a descoberta do EU psicológico gerando necessidade de sua manifestação, através da autoafirmação; c) adolescência maior ou juventude, na qual compreende o período de 15 a 18 anos para as moças e 16 a 19 para os rapazes, é também chamada de adolescência adulta porque o jovem já se aproxima da harmonização e objetivação do adulto trazendo o fim do desequilíbrio.

No entanto, os conflitos se intensificam nessa última fase, pois, para os pais, os filhos parecem nunca crescer, costumam pensar que ainda não é a idade adequada para conversas mais sérias, como a sexualidade, por exemplo. Assim, muitas vezes ocorrem enfrentamentos

entres as partes, visto que de um lado o adolescente precisa se autoafirmar como autônomo e dono de sua vida, por outro lado, os pais ou responsáveis normalmente não compreendem o que parece ser uma rebeldia do filho (GONÇALVES; DAMKE, 2007).

Contudo, não podemos considerar os comportamentos da fase da adolescente como estáticos ou homogêneos. O estudo realizado por Gonçalves e Damke (2007), com a família tradicional, evidenciou que a adolescência vivenciada pelos pais, de forma rígida e não aberta a conversas, foi diferente da que costuma ser experienciada pelos filhos. Dessa forma, os pais devem respeitar e entender a vivência de seus filhos, principalmente se for levada em conta a quantidade de informações que os adolescentes de hoje têm acesso. Nesse sentido, é possível afirmar que cada época tem suas peculiaridades.

Além do mais, sabe-se que ambientes onde existe carinho, paciência e respeito dos pais são mais adequados para a vivência da fase adolescente, bem como a disponibilidade de tempo e a flexibilidade em aceitar a opinião do jovem, sem buscar ter razão absoluta (GONÇALVES; DAMKE, 2007). Assim, podemos perceber que tanto para os pais quanto os professores em posição de educadores, é preciso ouvir o que o adolescente tem a dizer, atendendo as suas limitações e conflitos. Compreender cada fase garante aos educadores, sejam eles pais ou professores, maior êxito em desempenhar seu papel evitando que equívocos e desconfortos aconteçam, como sinalizam as autoras mencionadas anteriormente.

[...] filhos não têm muitas chances de se comunicar com seus pais, muitos destes só se interessam com negócios e nunca arranjam tempo para escutar os filhos; outros parecem ter medo de se revelar ou de enfrentar os problemas [...] toda vez que são procurados não chegam ao diálogo, porque é horrível conversar com quem sempre tem razão. O pai que não é acessível pode parecer indiferente aos olhos do filho, e isto tem efeito gravíssimo. Dessa forma, o diálogo entre pais e filhos não passa de monólogo, porque aqueles negam a estes o direito de também falar, preferem que os filhos simplesmente escutem. Pais e filhos precisam se conhecer para se amar e [...] sem diálogo pais e filhos nunca se encontrarão (GONÇALVES, DAMKE, 2007, p. 3386).

A comunicação entre pais e adolescentes é importante, mas impor alguma ideia pode se tornar num grande problema, por ser entendido por parte do adolescente como um enfrentamento, deixando-o ainda mais relutante na busca da afirmação de suas percepções. Assim, é necessário que haja uma compreensão dessa fase por aqueles que irão orientar e educar aos adolescentes, a fim de desempenhar da melhor forma possível a função educativa, priorizando o bem-estar dos jovens.

## 2.2 Escola e educação sexual

Embora a transformação do corpo e manifestações da sexualidade ocorram com maior frequência na fase da adolescência, o processo de educação sexual deve ser iniciado na mais tenra idade, visando sanar as curiosidades e formando assim indivíduos seguros, esclarecidos, livres de preconceitos, dúvidas, traumas e tabus, que podem desencadear em problemas na vida adulta.

A educação sexual deve começar logo na educação infantil, quando os primeiros sinais de curiosidade começam a se manifestar. Geralmente, nossa reação de bloqueio e constrangimento é automática quando nos deparamos com situações em que as crianças demonstram curiosidades em relação ao seu próprio corpo ou ao corpo de outra criança ou pessoa maior. Muitas vezes, as crianças são repreendidas e os adultos evitam falar sobre o assunto, podendo ser internalizado já desde a infância que é necessário ocultar a curiosidade ou desejos sexuais, por se entender que se trata de algo feio e inadequado para o público infantil (MONTARDO, 2008). Assim, um adolescente que foi repreendido na infância poderá se sentir constrangido ao comentar sobre seus anseios e dúvidas inerentes à sexualidade.

Para Gonçalves (2016), a descoberta da sexualidade ocorre entre 3 e 6 anos de idade, que corresponde à fase da segunda infância. A criança percebe seus órgãos genitais e tem necessidade de tocá-los, pois se diverte e sente prazer enquanto descobre o próprio corpo. Contudo, não é necessário limitar a criança, impedindo-a de explorar e se conhecer, pois os pequenos não percebem a sexualidade de forma erótica como o adulto, mas sim entende como algo normal, como todas as outras partes de seu corpo.

No caso da educação escolar, sabemos que existem algumas barreiras e dificuldades, não sendo entendido como fácil para os professores que, além de lidar com salas lotadas e tantas outras exigências, ainda terem que se responsabilizar por mais essa atividade relacionada à educação sexual. O ideal então seria haver a união e interação entre pais ou responsáveis e professores, mas muitas famílias estão se sentindo incapazes de realizar essa tarefa educativa e então enviam seus filhos à escola repletos de tabus, preconceitos, sentimento de culpa e dúvidas, que podem desencadear numa série de escolhas inadequadas, gerando problemas psicossociais em suas vidas adultas (MONTARDO, 2008).

Mas a escola também tem suas dificuldades, visto que em geral os professores não se sentem preparados para trabalhar sobre a educação sexual, por não terem recebido a formação necessária, podendo ainda transmitir crenças ou preconceitos que podem atrapalhar a

formação dos estudantes. Nesse sentido, Maia (2004, p. 174) destaca que existe a “[...] constatação de que o despreparo e os valores preconcebidos e irrefletidos dos professores poderiam levar qualquer atividade de educação sexual a tornar-se inoperante – no melhor dos casos – e, muito provavelmente desastrosa”.

Também Montardo (2008) menciona que, diferentemente dos familiares, os profissionais da educação não devem se basear no senso comum e tampouco transferir para as crianças e adolescentes seus valores morais ou religiosos. É preciso haver um processo formativo para que seja possível educar os alunos sobre a sexualidade de maneira correta e não com base em traumas pessoais e opiniões inadequadas que em nada contribuem para o processo educativo dos estudantes.

Ao refletir sobre a educação escolar, Altmann (2001) destaca que por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a instituição escolar foi reconhecida oficialmente como apta para a função de educadora sexual dos jovens, sendo considerada como um espaço adequado para discussões, a fim de garantir a dignidade, igualdade de direitos, solidariedade e respeito. O objetivo da escola deve ser não só informar, mas conscientizar sobre o autocuidado com o corpo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Dessa forma, cabe à escola criar vínculos com os adolescentes, a fim de conscientizá-los sobre o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, bem como o risco de uma gravidez não planejada. As temáticas relativas à saúde sexual e reprodutiva devem ser trabalhadas na escola juntamente com os demais conteúdos curriculares, em forma de projetos ou ainda por meio de parcerias com órgãos públicos da área da saúde.

É necessário considerar que apenas informar aos alunos não mudará seus comportamentos, pois os adolescentes mesmo sabendo quais métodos podem evitar a gravidez ou a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, ainda deixam de usá-los. Para que haja mudanças, Montardo (2008) sugere que ocorram debates sobre as dificuldades em usar esses métodos ao invés de palestras intimidantes alertando sobre riscos ao praticar relações sexuais.

Os PCNs orientam professores a serem mediadores do assunto, não devendo proibir ou punir os alunos, mas produzir sujeitos autodisciplinados, conscientes da sua liberdade sexual e dos cuidados a serem tomados, zelando pela saúde de seus corpos e mentes, respeitando e sendo respeitados.

Tocar nesse assunto não se trata de tarefa fácil, até mesmo para os pais, mas é preciso garantir que a informação chegue ao adolescente. Essa informação, se bem planejada, fará

com que esses jovens tenham relacionamentos afetivos e uma vida sexual com menos traumas ou consequências ruins que podem vir em forma de doenças sexualmente transmissíveis ou uma gravidez não planejada.

### 2.3 Gravidez na adolescência e relações de gênero

Historicamente no Brasil foi construída a ideia de que as mulheres se realizam por meio da maternidade e essa imposição social, associada à falta de educação sexual, podem resultar em gravidez na adolescência. Ademais, o contexto cultural, em que as pessoas estão inseridas, define os papéis que devem ser desempenhados por meninas e meninos ou mulheres e homens, os quais devem se comportar de acordo com o que é esperado para o seu sexo biológico. (GONÇALVES, 2009).

Em relação à sexualidade, por exemplo, é mais cobrado na sociedade que a mulher é que deve se cuidar para evitar uma gravidez indesejada, pois ela é que terá maiores consequências. Ocorre que, no caso das meninas adolescentes, nem sempre elas encontram abertura e apoio para adquirir anticoncepcionais ou preservativos, por se sentirem constrangidas. Muitas vezes as meninas não recebem apoio de seus parceiros sexuais quanto à prevenção e tampouco podem pedir auxílio aos seus pais para adquirirem esses métodos. Dependendo de alguns costumes culturais, o sexo antes do casamento é visto como algo pecaminoso e assim as jovens preferem não se expor para não evidenciar que já possuem uma vida sexual ativa.

Cabe salientar que, como a sexualidade é entendida como normal e necessária aos seres humanos, ela não deve ser ignorada e nem reprimida. Em contrapartida, a gravidez na adolescência não pode ser vista ou tratada como algo normal e adequado, tanto em relação ao corpo da menina que ainda não concluiu sua total fase de formação, quanto do ponto de vista psicológico e social. Para Schiro e Koller (2013), o grande problema da sexualidade, mais especificamente das meninas, refere-se à falta de perspectivas e poucas oportunidades de realização, fazendo com que elas busquem mediante a maternidade um papel na sociedade.

Nesse contexto, da mesma forma em que as meninas aprendem a maternar cuidando das bonecas, ao se deparar com uma gravidez na adolescência, a sociedade espera que desempenhem bem a função materna. No entanto, as pessoas não costumam refletir se as meninas possuem dificuldades para desempenhar o papel de mãe precocemente, tendo em vista que também são crianças. Parece até causar mais impacto e reprovação ver a adolescente

não desempenhar adequadamente o seu papel de mãe, do que o fato de estar grávida ou ter um bebê com tão pouca idade.

Ao abordar sobre a gravidez na adolescência e relações de gênero, é importante considerar que os meninos costumam ter menos cobranças em relação ao tornarem-se pais. Eles não têm problemas com a escola, por não ter uma barriga de gestante, que é tão evidente, muitos continuam vivendo da mesma maneira que antes, enquanto que, no caso das meninas, a vida muda completamente. Assim, é possível afirmar que as meninas grávidas são as que mais têm prejuízos psicossociais em relação à maternidade não planejada, e após o nascimento de seus bebês, as dificuldades se intensificam ainda mais, pois elas têm que se dedicar aos cuidados da criança, protelando por um bom tempo os planos para a sua própria vida, inclusive de escolarização. De acordo com Schiro e Koller (2013), o primeiro desafio da gravidez na adolescência começa com a mudança física da menina, que sente vergonha de seu corpo e, após o parto, o bebê geralmente é criado pela mãe, evidenciando assim as limitações que a jovem mãe terá para continuar os estudos e conseqüentemente sua carreira profissional poderá ser prejudicada.

No que se refere à gravidez na adolescência e contexto escolar, é necessário considerar que a escola tem forte influência sobre a vida dos adolescentes, uma vez que eles passam um tempo relativamente longo no espaço escolar e os professores são os principais formadores de opinião. Para Altmann (2001, p. 575), os jovens deveriam ter informações sobre sexualidade, mas encontram-se carentes dessas informações, principalmente as meninas, e o problema é que “Quanto menor o nível de escolaridade e instrução, maior será o índice de gravidez e/ou contaminação por doenças sexualmente transmissíveis” A autora também salienta que:

Em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo lê-se: “o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis”. A escola é apontada como um importante instrumento para veicular informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se a ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade, maior o índice de gravidez entre adolescentes (ALTMANN, 2001, p. 575).

As meninas pertencentes a classes econômicas de baixa renda costumam ter prejuízos ainda maiores ao se depararem com a gravidez na adolescência, devido às dificuldades para criarem seus bebês e conseqüentemente sua vida escolar será afetada. Os professores podem proporcionar a essas adolescentes uma nova visão de mundo, para que elas ampliem suas perspectivas em relação ao seu futuro profissional, social e seu bem-estar psicológico.

As adolescentes que já estão grávidas, ou tiveram bebês recentemente, precisam ser acompanhadas e amparadas para que não abandonem a escola. Muitas delas assumem papel de mãe e esposa, se dedicando às tarefas do lar. Outras se sentem envergonhadas a retornarem por medo de sofrerem discriminação.

O fato é que essa fase tão difícil para a adolescente vai passar, e esse tempo não pode ser simplesmente desperdiçado. A menina sente a necessidade de apoio de sua família e da escola para que não abandone suas atividades. Precisa também que seu bebê seja cuidado enquanto ela estuda e se prepara para a vida adulta.

As dificuldades e a falta de recursos também acabarão afetando o desenvolvimento e bem-estar do bebê, por isso é necessário que haja preocupação e providência de meios para amenizar esses danos. Assim, tendo passado essa fase inicial de adaptação a maternidade, mãe e filho poderão ter uma vida digna.

Devemos refletir sobre como ajudar essas meninas a tornar este evento numa mola propulsora para recomeçar e alcançar sua realização como pessoa, buscando extrair dessas vivências um aprendizado para a vida, garantindo que não haja reincidência de gravidez não planejada, mas sim o bom desenvolvimento na sua vida profissional, social, afetiva e familiar.

Entendemos que é importante haver maior investimento no que se refere à educação sexual, para que os adolescentes conheçam seus corpos, entendam os riscos relacionados à uma gravidez precoce e transmissão de doenças, a fim de que a iniciação à vida sexual seja positiva, sem correr o risco de ter consequências que poderão comprometer o futuro desses jovens em desenvolvimento.

### **3 METODOLOGIA**

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada a partir do levantamento do referencial teórico e pesquisa de campo. De acordo com Godoy (1995, p. 62), “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Nesse tipo de pesquisa, é permitido ao pesquisador inserir-se no ambiente real da situação que está sendo problematizada. Para Chizzotti (2003, p. 221), “[...] a pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais [...] e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre”.

Para a realização da coleta de dados, foi feita a opção por utilizar como instrumento investigativo, um roteiro de entrevista semiestruturado, visto que a descrição dos dados coletados proporciona ao pesquisador uma visão ampla do assunto problematizado. Assim, com base na pesquisa bibliográfica, foi elaborado um roteiro com diversas perguntas que serviu de base para a gravação das entrevistas, de forma que as pessoas entrevistadas pudessem ter liberdade para expor seu entendimento e experiência sobre a temática pesquisada. Segundo Godoy “[...], os dados coletados aparecem sob a forma de transcrição de entrevistas” e contribuem para a “[...] compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado”, visto que todos os dados da realidade são considerados importantes e conseqüentemente devem ser analisados. “O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo”. (1995, p. 62).

A pesquisa de campo teve início com a procura e escolha dos participantes, ou seja, adolescentes pertencentes à escola da rede pública de Naviraí – MS que estavam grávidas ou que eram mães, bem como os gestores das escolas que essas alunas estudavam. Dessa forma, a pesquisa contou com a participação de cinco pessoas, cujas características, durante a realização da coleta de dados, no mês de maio de 2018, eram:

- 1. Adolescente (Ad. 1):** Mulher, 16 anos, cursava o 2º ano do Ensino Médio, estava com 5 meses e meio de gestação, morava com a mãe e o irmão.
- 2. Adolescente (Ad. 2):** Mulher, 16 anos, cursava o 9º ano do Ensino Fundamental, já tinha um bebê com um ano e três meses de idade, morava com os pais e vivia matrimonialmente com o pai da criança.
- 3. Adolescente (Ad. 3):** Mulher, 15 anos, 7º ano do Ensino Fundamental EJA, tinha um bebê com um ano e um 1 mês, morava com os pais.
- 4. Gestor:** Homem, 41 anos, Graduado em Geografia e História, atuava há 24 anos na área da educação e há 2 anos e meio como diretor na escola pesquisada.
- 5. Gestora:** Mulher, que preferiu não falar a idade, formada em Pedagogia, Letras e fez especialização em Gestão Escolar, atuava há 29 anos na área da educação e 25 anos somente na escola atual. Nos últimos 3 anos ocupou o cargo de diretora.

Na sequência, apresentam-se trechos transcritos das falas dos sujeitos e a análise e discussão dos dados coletados, bem como suas experiências e conceitos sobre assuntos relacionados à sexualidade, maternidade e educação, de modo a encontrar respostas sobre como ocorre a gravidez e a maternidade na fase escolar dos adolescentes.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a realização das entrevistas, foi possível notar que as três adolescentes entrevistadas moravam com seus familiares: a Ad. 1 nunca se casou; a Ad. 2, apesar de ser casada com o pai do bebê, morava no fundo da casa dos pais; já a Ad. 3 foi casada por um tempo, com o pai do bebê, mas se separou e voltou para a casa dos pais.

Apesar de todas afirmarem que suas famílias conversavam sobre sexo com elas, os seus relatos indicavam que esse assunto era visto como um tabu e não era tratado pelos pais abertamente. A Ad. 1 assim afirmou: “[...] minha mãe..., tipo, todo mundo sempre falava as coisas, sabe? me alertando!” Já a Ad. 2 considera que recebia um pouco de atenção por parte do pai: “Então era..., tipo assim, como a minha mãe tem problema psicológico, então era mais o meu pai, que era meio pai e mãe da gente, mas ele tinha um tabu sobre esse assunto”. A Ad. 3 comentou sobre a tensão dos pais e o entendimento errôneo sobre sexo: “Minha mãe sempre falava para tomar cuidado e tal”. Os relatos das mães adolescentes sinalizam que, para muitas famílias, continua sendo constrangedor falar sobre sexo e, nesse contexto, Montardo (2008, p. 162) destaca que “[...] os pais se convenceram de sua incapacidade e da necessidade de terceirizarem a educação sexual de seus filhos, levando-os a confirmarem em pesquisas que preferem que a escola assuma essa função”.

As adolescentes reconhecem que não tiveram liberdade para falar sobre sexo com seus pais e então obtiveram informações fora de casa, até vivenciar as primeiras experiências sexuais. Assim, a Ad. 1 depositou toda sua confiança em seu parceiro: “Sempre fui fechada, até que eu fiz uma pergunta para ele, né. Eu cheguei a perguntar se algum dia, se eu ficasse grávida, se ele ia ficar comigo. Aí aconteceu que ele sumiu, quando soube da gravidez”. A Ad. 2 mencionou que o pouco de atenção que recebeu, foi de sua tia: “Então, acho que foi mais com a minha tia, que ela é assistente social”. A Ad. 3 comentou que uma amiga, uma mulher mais velha, conversava com ela e que posteriormente acabou se tornando sua sogra: “Foi com a minha sogra. Ela vivia falando..., aí depois eu comecei a namorar com o filho dela”. Percebe-se, dessa forma, que por não se sentirem confortáveis com os pais, as adolescentes sempre buscavam informação fora de casa, normalmente com alguém que transmitia confiança, garantindo, dessa forma, que o sigilo sobre a vida sexual ativa, se mantivesse seguro.

Todas as adolescentes afirmaram que iniciaram a vida sexual aos 14 anos de idade e os pais dos bebês tinham entre 18 e 21 anos. Apenas a Ad. 2 disse que não usava nenhum meio contraceptivo. A Ad. 3 usava preservativo e pílula anticoncepcional, enquanto que a Ad. 1

também fazia uso de pílula: “Eu tomava remédio, né, e engravidei tomando remédio. Então é porque, tipo assim, eu sempre tomava o remédio de manhã e a gente fez de madrugada, entendeu? Acho que foi isso!” Percebe-se que as mães adolescentes que tomavam pílula, faziam uso de forma equivocada, sem muita responsabilidade, ou então diziam que tomavam para não serem criticadas. Por meio de um estudo realizado com adolescente, Schiro e Koller (2013, p. 452) observaram que: “Quanto aos padrões de utilização de contracepção, constatou-se que os meninos tendem relatar mais a ausência do seu uso que as meninas. Essa diferença decorreria da perspectiva de que a menina é que teria a responsabilidade de evitar a gravidez”.

Nota-se, nas colocações da Ad. 1, que toda sua confiança estava sobre o parceiro “[...] eu tinha mais medo de eu pegar uma doença, uma AIDS [...] mas dava aquele voto de confiança. Aí, tipo assim, eu fiz os exames, não deu nada, graças a Deus”. Ao abordar sobre o início da vida sexual dos adolescentes e relações de gênero, Schiro e Koller (2013, p. 452) enfatizam que:

[...] culturalmente, tende a ser valorizado o desempenho sexual do menino e que, por isso, a sua iniciação sexual seria dissociada dos afetos e mais frequentemente ocorreria com uma amiga; enquanto as meninas tenderiam iniciar-se sexualmente em um contexto afetivo e, assim, o namorado tende a ser mais frequentemente citado.

Todos os pais dos bebês, das adolescentes entrevistadas, eram maiores de idade, mas ainda assim as meninas e os bebês recebiam apoio de seus familiares. Contudo, o sentimento de abandono é destacado pela Ad. 1, ao admitir que o pai do bebê se absteve de qualquer responsabilidade:

Sozinha, só eu e minha mãe né, e o apoio da escola. Então muita gente conversa comigo. Mas, por exemplo, se eu estou na mesma rua, ele desvia. Ele falou que não era o pai, que eu estava “pegando” os amigos dele. Mas tipo assim, eu nunca ia fazer isso mãe tem a certeza! E ele disse que não era o pai, que não ia assumir e eu também não vou ficar dando satisfação, né. Já que ele não quer... (AD. 1).

As mães adolescentes afirmam que a gravidez não foi desejada, mas em alguns momentos demonstraram contradições, como mencionado pela Ad. 1: “Então, eu sempre quis engravidar, mas não agora né, tipo assim, eu queria terminar o Ensino Médio e acho que foi..., não desejada, né. Agora hoje em dia eu estou mais consciente, agora tá de boa”. A Ad. 1 não usava nenhum método contraceptivo e demonstrou segurança em sua resposta ao afirmar que sabia do risco que corria: “Ah! Quando eu estava me relacionando sexualmente com ele, eu já

sabia, né”. E a Ad. 1 comentou que: “Não queria [a gravidez]. Foi aquele susto! Não acreditei!”

As entrevistadas mostraram que os casos de gravidez precoce são algo muito comum, visto que suas mães ou mulheres das famílias também foram mães muito jovens. Dessa forma, a Ad. 1 disse que sua mãe também foi mãe aos 16 anos, enquanto que a Ad. 3 comentou que sua mãe também foi mãe aos 14 anos. Elas também falaram de tias e parentes que foram mães jovens, evidenciando que tal experiência continua se perpetuando. Assim, parece que essas mulheres, como as adolescentes entrevistadas, suas mães, tias, primas..., não possuíam outra perspectiva de vida, se não a maternidade, o casamento e a família. Segundo Fávero e Mello (1997, p. 131), no sistema colonial brasileiro, a imagem da mulher associada somente à maternidade e cuidados da casa foi muito acentuada e este patriarcado “[...] torna claro como foi negado à mulher uma voz ativa fora das paredes de sua casa onde se esperava que desempenhasse o papel de “santa mãezinha” [...] cuja principal tarefa era a criação da prole”. O que se percebe é que na atualidade ainda permanecem os vestígios desse sistema que se perpetua por gerações.

Quando questionado sobre quais eram suas atividades cotidianas, antes e depois da maternidade, a Ad. 1 respondeu: “Fico em casa e ajudo a cuidar do meu irmão. Quando minha mãe está bem de boa, eu saio, vou a casa do meu pai. Tipo assim, eu saía sabe, para ir na festa, mas eu nunca fui de ficar tarde na rua, sempre fui de boa”. A Ad. 2 enfatizou: “Ah, às vezes a gente sai, para comer uma pizza nós três, tomar um sorvete, ficar um pouquinho na praça, passear um pouco, sempre nós três. Antes eu era mais caseira, assistia filme, jogava...”. A Ad. 3 relatou que “[...] na parte da manhã, eu acordo faço o serviço para minha mãe, fico com o neném. Na parte da tarde, eu brinco com ele, faço o serviço [...] Antes de eu estudar, ficava trabalhando na lanchonete da vizinha”. Percebe-se que o papel de mães de família se sobressai às outras dimensões da vida dessas adolescentes e que o fato se repete, como ocorreu com suas mães, demonstrando que tratam-se de padrões sociais que são repassados por gerações. Nesse sentido, Fávero e Mello (1997, p. 133) apontam que “[...] ser mãe pode dar origem a uma fonte de gratificações, se considerarmos o papel da mulher e a representação da maternidade na nossa sociedade, de modo que a maternidade pode ser algo ao qual as adolescentes aspiram”.

As adolescentes enfrentaram algumas dificuldades após a descoberta da gravidez, principalmente na vida pessoal. A Ad. 1 disse que recebeu muito apoio da diretora e professores de sua escola, mas foi abandonada e criticada por seu parceiro, suas amigas e até mesmo familiares se afastaram dela.

Muitas críticas. Por exemplo, o negócio de gente me julgar por eu ser nova, por eu não contar quem é o pai, ficar falando que é um, que é outro... muita gente se afastou sabe, pessoas que eram próximas e isso magoa né, porque..., tipo assim, falou que ia estar comigo na melhor e na pior e do nada some. E dizem que eram amigas né. Minha mãe falou que na gravidez você descobre quem são suas amigas, quem está com você e até mesmo meus parentes também pararam de falar comigo. Acho que é por conta da idade, porque ninguém esperava eu engravidar com 15anos. Meu pai não está conversando comigo, acho que também porque ele sempre me segurou muito né. Para ele está sendo um choque até agora (AD. 1).

A Ad. 2 citou que recebeu apoio de seus professores, mas teve dificuldade financeiras, pois, após entrar na faculdade, o pai do bebê precisou fazer estágio e então diminuiu a renda familiar. Ela também demonstrou insatisfação com a ditadura de beleza ou do corpo padrão, que faz com que as meninas sofram discriminações: “Meus professores compreenderam, eles até me ajudaram, compraram roupinhas, essas coisas. Mas os alunos em si..., até hoje eu sofro alguns *bullying*, com meu corpo, sabe? Já chegaram a falar que meu peito era caído, essas coisas, que eu era gordinha...” (AD. 2). Apesar de ter passado por uma separação do pai do bebê, a Ad. 3 destacou que a maior dificuldade foi a gravidez de risco e o fato de seu bebê ter ficado doente. Fato que atrapalhou sua concentração nos estudos.

As adolescentes parecem ficar divididas entre a vontade de dedicar-se apenas à maternidade, aos cuidados com a família e sua vida escolar e profissional. Elas não pretendem parar de estudar e têm planos para o futuro. As adolescentes 1 e 2 pretendem, além de cuidar de seus bebês, fazer o curso de Direito. Já a Ad. 3 quer estudar Medicina Veterinária ou Pedagogia. Para Fávero e Mello (1997, p. 131) “[...] uma gravidez ocorrida durante a adolescência parece funcionar como um corte abrupto na vida da adolescente, que é obrigada a assumir de uma hora para outra um novo papel [...] que acaba por se incompatibilizar com o papel de estudante”.

Em relação às opiniões dos gestores escolares sobre a gravidez na adolescência, foi possível notar que, segundo eles, os casos de meninas grávidas na escola vêm diminuindo ao longo nos últimos anos. O Gestor relatou que, em sua experiência profissional, presenciou diversas situações: “Sim. Já vários casos de gravidez na adolescência né, que motivaram até projetos na escola. Em outras épocas, eu acho que houve mais casos de gravidez na adolescência, pelo menos no ambiente onde eu trabalho diminuiu bastante os casos de gravidez na adolescência”. Quanto ao perfil das mães adolescentes, ele assim analisou:

Crianças cuidando de outras crianças, vêm de famílias desestruturadas [...] meninos com idade em torno de 16 anos e meninas em torno de 11 anos [...] Família desestruturada, sem conhecimento ou maturidade para dizer não. Influência de amigos, sexo, bebida, músicas com letras eróticas (GESTOR).

Cabe destacar que, conforme Schiro e Koller (2013, p. 448), a gravidez na adolescência pode ocorrer em todas as classes sociais, tendo em vista que: “Outro aspecto associado à gravidez durante a adolescência é o contexto psicossocial em que tende a ocorrer, frequentemente associada à pobreza, baixa escolaridade, desemprego ou emprego”. No entanto, as autoras enfatizam que: “[...] é necessário considerar que a gravidez durante a adolescência não ocorre em um grupo homogêneo de pessoas, mas em contextos particulares com características específicas” (p. 448). A Gestora comentou que:

São namoros muito precoces, a gente observa né, e sem muita preocupação de ter cuidados. Existe um amor muito grande nessa história, de amor muito grande e a não necessidade de cuidados, né. A primeira coisa que eles falam: “Não preciso, porque eu sou fiel e ela é fiel”. A palavra certa é a paixão, né: “Então eu não me relaciono com mais ninguém porque ela é minha paixão!”. E da parte da menina existe também a crença de “Nunca vai acontecer comigo”. Aquela crença de “nunca vai acontecer comigo” e outra coisa, que apareceu muito interessante, é a história da pílula do dia seguinte. Eu acho que a partir do momento que usa a pílula do dia seguinte, também deixou a mulher muito livre, a menina muito livre, né. Então, o uso desenfreado dessa pílula, acho que prejudicou muito.

Ao analisar sobre as questões de gênero, ou como são tratados e se comportam os meninos e as meninas após a descoberta da gravidez, o Gestor aponta sobre a diferenciação que é feita entre os gêneros feminino e masculino, em que a menina recebe a culpa e responsabilidade, perde sua imagem atraente, dando espaço a imagem materna do cuidado. Enquanto o menino não sofre grandes mudanças.

As famílias têm um entendimento machista. Apesar de que, pela lei, a família do menino é a mais responsabilizada no caso de uma gravidez, mas os meninos são soltos. As famílias das meninas, de certa forma, tentam abrir o jogo, mas gravidez é um desejo da mulher [...] As meninas passam a admirar a que está grávida, cuidam e protegem. Os meninos respeitam, mas a menina perde a figura de possível parceira (GESTOR).

No caso da Gestora, ela percebeu que, mediante um trabalho de conscientização e envolvimento entre alunos e escola, é possível lidar com os casos de gravidez no ambiente escolar, para que as meninas não sofram discriminação e seus estudos não sejam prejudicados.

Em outras épocas, a gente via assim muito distanciamento né, das próprias amigas com relação à menina. “Ela engravidou? Então ela que resolva essa situação sozinha!” E os meninos também se distanciavam. Então, a gente sentia que precisava reaproximar essa menina, reaproximar a própria família, né. E muitas vezes, a menina deixava de estudar, causava muito prejuízo para a menina. Hoje a situação é diferente, no sentido assim, da aproximação, da solidariedade e dos próprios meninos também. Há ainda algumas situações machistas, né. “Não, o problema é dela! Ela que se cuide! Ela que se vire!” Ainda há situações assim, mas é bem menos (GESTORA).

Torna-se evidente que o machismo permanece muito forte no meio escolar e familiar, como destaca Fávero e Mello (1997, p. 131) sobre as cobranças sociais em relação à vida sexual feminina: “[...] são colocadas em evidência a indissociação entre os conceitos de maternidade e de mulher, e sua articulação com a questão da vida sexual feminina, o valor da virgindade e o conceito de honra”.

Ao ser indagado se há aconselhamento por parte dos pais do bebê, o Gestor ressaltou: “Não! Os pais dos meninos não se envolvem. Os pais das meninas procuram a escola numa tentativa de buscar ajuda”. Parece que as adolescentes não passam por tantas dificuldades durante o período da gravidez, o grande desafio começa com o nascimento do bebê, como destacou o Gestor: “As meninas que engravidam possuem boas notas. Se a gravidez for saudável, elas continuam com o ritmo bom. Mas após o nascimento, fica difícil para dar continuidade nos estudos”. Já a Gestora recordou que:

Ao longo desses quase trinta anos, a gente acompanhou muita desistência, né. A menina ela deixa da escola, abandona a escola e volta um ano, dois anos depois para retomar os estudos. O caso que nós temos agora na escola [de uma adolescente grávida], a menina está estudando tranquilamente. Por enquanto ela ainda está acreditando que vai terminar os estudos. Ela diz: “Eu já vou conseguir vaga na creche!”. Então, ela acredita que vai..., ela quer concluir os estudos (GESTORA).

Nas escolas em que os Gestores entrevistados atuavam, o tema sobre sexo e prevenção costuma ser trabalhado pelos professores de Ciências ou profissionais da saúde que visitam a escola. O Gestor entende que há um abandono para com os adolescentes, por parte da administração pública e do órgão responsáveis, que deveriam conscientizar as famílias. A Gestora preocupa-se com os alunos de sua escola, ela diz que “[...] nós temos que desenvolver todos os lados do aluno, o social, o afetivo... Então é necessário se preocupar com esse lado, para o resultado final, que é o que nós queremos”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, foi possível notar que os seres humanos são constituídos a partir da Educação para viver em sociedade, que ocorre em meio à família e escola. Junto a diversas áreas, destaca-se a Educação sexual, que é muito importante para que os erros e possíveis situações de perigo sejam evitados, mas que parece não receber tanta importância da

parte das famílias, o que acaba ficando apenas nas mãos da escola, assim ela precisa ocorrer livre de tabus e preconceitos.

Na prática, o que encontramos foi a falta de instrução vinda dos lares, os resultados da pesquisa trouxeram à tona que as adolescentes conheciam e/ou até utilizavam métodos contraceptivos, mas acabaram por engravidar, evidenciando que utilizavam de forma errada por falta instrução. Essa falta de instrução mostra que os casos de gravidez precoce se perpetuam nas avós, mães e tias das famílias das meninas entrevistadas.

Apesar de estarem vivenciando situações difíceis, as três mães adolescentes tinham planos para o futuro e pretendiam cursar o ensino superior, demonstrando que quando ocorre desistência escolar não é por vontade das meninas, mas que apesar de sonharem com a vida profissional, ainda ficam divididas em relação à vida de donas de casa que seu meio social impõe a elas. Essa imposição se dá em nossa cultura, traz as discussões sobre a diferenciação de papéis feitos aos gêneros masculino e feminino, na qual resume a mulher à maternidade e vida de donas de casa, e cobra os padrões estéticos do corpo, fazendo com que essas meninas além de lidarem com a gravidez e vida escolar, com a alteração do corpo padronizado, ainda sofram conflitos psicológicos e discriminação, enquanto o menino continua sua vida sem alterações, assim percebemos que toda a carga do cuidado e responsabilidade do bebê acaba ficando para a menina e família materna, visto que somente uma das adolescentes convive com o pai do bebê, as demais moram e recebem ajuda de suas famílias.

Na busca de amenizar os problemas sobre sexualidade que ocorrem nas escolas, toda a equipe escolar procura acolher as meninas grávidas e até ajudam fazendo doações e dando aconselhamento aos pais. Os professores de Ciências buscam trabalhar com o tema Educação Sexual em suas aulas, também os profissionais da saúde realizam palestras nas escolas pesquisadas ensinando sobre prevenção de DSTs e gravidez precoce.

Foi percebida, por meio do relato dos gestores, a preocupação em não deixar que casos de discriminação conscientizando os demais estudantes para que as meninas não sejam desmotivadas e abandonem a escola. Em suma, percebemos que apesar da difícil conciliação de papéis de ser mãe e ser estudante, agravadas pelas concepções socioculturais sobre gênero e a questão da identidade feminina e o papel da mulher em nossa sociedade, a permanência ou desistência escolar dependerá do apoio familiar, escolar e social.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN. H. Orientação Sexual Nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575, jul./dez, 2001.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, Universidade do Ninho, Braga, Portugal, 2003. Disponível em: <[http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Ciencias\\_Sociais\\_e\\_Humanas\\_-\\_Evolucoes\\_e\\_Desafios\\_1\\_.pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2018.

DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

FÁVERO, M. H.; MELLO, R. M. Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 131-136. 1997.

FERREIRA, B. W. **Adolescência: caracterização e etapas do desenvolvimento**. In.: FERREIRA, B. W; RIES, B. E. (Orgs.). **Psicologia e Educação: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta**. 2ª ed., v. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 15-19.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

GONÇALVES, J. P. Ciclo Vital Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana Possíveis – Contribuições Para Educadores. **Contexto e Educação**. Editora Unijuí. Ano 31, n. 98, jan./abr. 2016.

GONÇALVES, J. P.; DAMKE, A. S. Pais e Adolescentes: Análise de uma relação cultural. VII Congresso Nacional de Educação EDUCERE: Saberes Docentes, Edição Internacional; V Encontro Nacional de Atendimento ao Escolar Hospitalar. **Anais...**, Curitiba - PR: Champagnat, p. 3385-3396, 2007.

MAIA, A. C. B. Orientação Sexual na Escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e Educação: Aproximações Necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência. 2004, p. 153-180.

MARCELLI, D.; BRACONNIER, A. **Manual de Psicopatologia do Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MONTARDO, J. A Escola e a Educação sexual. La Salle – **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. v. 13. n. 1 jan./jun. 2008.

SCHIRO, E. D. B., KOLLER, S. H. Ser adolescente e ser pai/mãe: Gravidez adolescente em uma amostra brasileira. **Estudos de Psicologia**. Maringá, v. 18, n. 3, p. 447-455, jul./set. 2013.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

GONÇALVES, J. P.; Gravidez na Adolescência e Conciliação da Maternidade com a Vida Escolar. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 04, art. 6, p. 108-127, abr. 2021.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>J. P. Gonçalves</b>
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X